DOI: 10.5433/2236-6407.2023.v14.51789

O SER CRIATIVO NA PÓS-MODERNIDADE: O CONVITE EM "O PEQUENO PRÍNCIPE"

Ítalo Bitencourt Ciccotti
Universidade Estadual de Londrina

Leandro Anselmo Todesqui Tavares
Universidade Estadual de Londrina

Recebido em: 01/11/2023
1ª revisão em: 20/11/2024
Aceito em: 26/11/2024

RESUMO

A criatividade é fundamental para a subjetividade, sendo demarcadora de uma vida que vale a pena ser vivida. Seu desenvolvimento é dependente e condicionado por diversos processos que ocorrem na infância dos sujeitos. À vista disso, surge a questão: as novas formas de subjetivação que emergem da pós-modernidade afetam tais processos e, se afetam negativamente, podem ser manejadas? Para compreender melhor a correlação entre a pós-modernidade e o desenvolvimento subjetivo empregou-se uma metodologia de ordem psicanalítica teórico-reflexiva, pautadas em Freud, Winnicott, Lacan e autores da sociologia, utilizando a obra "O Pequeno Príncipe" como fio condutor das construções propostas. A partir desta investigação, nota-se que a pós-modernidade produz danos em aspectos fundamentais do desenvolvimento subjetivo como um empobrecimento do registro simbólico, um individualismo exacerbado, uma cultura narcisista e o adoecimento do laço social. Nessa perspectiva, conclui-se que uma possível saída para o adoecimento subjetivo pós-moderno é o (re)enlace do laço social.

Palavras-chave: criatividade; pós-modernidade; psicanálise; o pequeno príncipe; desenvolvimento subjetivo.

THE CREATIVE BEING IN POSTMODERNITY: THE INVITATION IN "THE LITTLE PRINCE"

ABSTRACT

Creativity is fundamental to subjectivity, being the marker of a life worth living. Its development is dependent and conditioned by several processes that occur in the subjects' childhood. In view of this, the question arises: do the new forms of subjectivation that emerge from postmodernity affect such processes and, if they do negatively, can they be managed? To better understand the correlation between postmodernity and subjective development, a theoretical-reflective psychoanalytic methodology was used, based on Freud, Winnicott, Lacan and sociology authors, using the work "The Little Prince" as a guiding thread for the proposed constructions. From this investigation, it is noted that postmodernity causes damage to fundamental aspects of subjective development such as an impoverishment of the symbolic register, an exacerbated individualism, a narcissistic culture and the weakening of the social bond. From this perspective, it is concluded that a possible way out of postmodern subjective illness is the (re)engagement of the social bond.

Keywords: creativity; postmodernity; psychoanalysis; the little prince; subjective development.

EL SER CREATIVO EM LA POSMODERNIDAD: LA INVITACIÓN EM "EL PRINCIPITO"

RESUMEN

La creatividad es fundamental para la subjetividad, siendo el marcador de una vida que vale la pena vivir. Su desarrollo es dependiente y condicionado por varios procesos que ocurren en la infancia de los sujetos. Ante esto, surge la pregunta: ¿las nuevas formas de subjetivación que emergen de la posmodernidad afectan dichos procesos y, si lo hacen negativamente, pueden ser gestionadas? Para comprender mejor la correlación entre posmodernidad y desarrollo subjetivo, se utilizó una metodología psicoanalítica teórico-reflexiva, basada en Freud, Winnicott, Lacan y autores de sociología, utilizando la obra "El Principito" como hilo conductor de las propuestas de construcción. De esta investigación se desprende que la posmodernidad causa daños a aspectos fundamentales del desarrollo subjetivo como un empobrecimiento del registro simbólico, un individualismo exacerbado, una cultura narcisista y el debilitamiento del vínculo social. Desde esta perspectiva, se concluye que una posible salida a la enfermedad subjetiva posmoderna es el (re)compromiso del vínculo social.

Palabras clave: creatividad; posmodernidad; psicoanálisis; el principito; desarrollo subjetivo.

INTRODUÇÃO

Alguns elementos sempre foram constituintes na história humana: a fome, o medo, a angústia, o anseio por algo além do terreno e inúmeros outros aspectos da existência repousam sobre a humanidade desde quando essa se encontrava escondida em grutas e cavernas, ainda restrita a uma cultura nômade. Entretanto, mesmo longe de qualquer traço chamado de "civilizado", há um elemento já vindouro dessa época, o qual permite um novo toque à visão aristotélica de natureza: se o homem é um animal racional e político, ele também é, essencialmente, um animal artístico. Ora, tende-se a elevar as expressões artísticas ao mais alto grau de significado na existência humana, e antes da agricultura, do comércio, do Estado, e até mesmo da língua escrita, havia a arte.

Nietzsche (2008), em sua obra póstuma "A Vontade de Poder", argumenta que "temos arte para não morrer de verdade", e a aparente hipérbole do pensador é posta à prova pela psicanálise que traz, por meio de suas pesquisas clínicas, firmamento para a afirmativa do filósofo, à vista que "As gratificações substitutivas, tal como a arte as oferece, são ilusões face à realidade, nem por isso menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que tem a fantasia na vida mental." (Freud, 1930-1936/2010, p. 29). Isto é, a criatividade e a arte, assim como outras gratificações substitutivas, são pela via da fantasia e da sublimação, uma válvula de escape para os afetos obstruídos pela realidade, tornando a vivência humana algo mais suportável.

Entretanto, a sublimação dos instintos não é somente um meio de escapar da angustiante existência humana, muito menos um caminho pelo qual podemos fugir das necessidades pulsionais, ela é uma via de produção criativa por excelência, de construção de novos sentidos e de novas fantasias transformadoras e criadoras de novos mundos possíveis (Tavares, 2020), sendo uma forma de nos excedermos de nós, de encontramos um meio campo entre o interno e o externo, onde podemos retornar a um estado de coisas que nos invocam e ao qual as invocamos. Por conseguinte, a criatividade é condição *sine qua non* para a essência humana, sua presença em baixo ou alto grau é, muitas vezes, decisiva para o estado de saúde mental dos sujeitos, sendo, em especial, por meio dela que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida (Winnicott, 1971/2009).

A subjetividade em sua força pulsional sublimatória é, então, um ponto central ao estudar a criatividade, tendo em vista que ela é a propiciadora dos mais diversos fazeres criativos. À vista disso, Campos e Sakiyama (2016) propõem uma leitura concomitante de Winnicott e Lacan sobre suas compreensões dos processos de constituição da subjetividade. Os autores abordam, primeiramente, a concepção

lacaniana de alienação como modo de estruturação da subjetividade por meio do desejo do Outro, à priori pela alienação ao desejo da mãe, dado o estádio do espelho e a formação do eu, e à posteriori, pela alienação edípica advinda do Complexo de Castração. Sucedendo, os autores adentram na concepção winnicottiana de produção da subjetividade, que se encontra na gradual transição entre a percepção do bebê de integralidade com o ambiente para a alteridade ao ambiente, alteridade essa que nunca se completa, assim sempre havendo um espaço entre o Eu e o mundo externo. Portanto, a compreensão de construção de subjetividade em sua face inconsciente, neste presente artigo, pairará no entremeio da subjetividade estruturada pela concepção lacaniana de alienação e falta e pela perspectiva winnicottiana de fenômenos transicionais e de potencialidade criativa.

A partir dessa concepção de subjetividade e de sua vital influência com a criatividade, emerge a pergunta: Vivemos, na contemporaneidade, uma crise na produção e manutenção da subjetividade? Isto é, as condições presentes nos tempos modernos possibilitam a construção de subjetividades ou nos encontramos em um cenário de empobrecimento do ser e fazer criativo e subjetivo? Para melhor explorar essas perguntas, usar-se-á a obra "O Pequeno Príncipe", de Antoine de Saint-Exupéry, publicada em 1943, como um fio condutor da elaboração, buscando perceber ao longo da obra como os desdobramentos criativos do principezinho podem propulsionar formas diferentes de vivências e existências subjetivas.

Ademais, sabe-se que a psicanálise sempre voltou seus olhos paras as produções artísticas, dado que a obra de arte não fala apenas do autor, mas também suscita algo que vêm do Outro, e um exemplo desse movimento é a obra freudiana: "O Inquietante" (1917-1920/2010), na qual o autor busca, por meio da apreciação artística, ponderar sobre a raiz do sentimento de estranhamento, inquietação e infamiliaridade que certas coisas desencadeiam no âmago da nossa subjetividade, À vista disso, percebe-se que a psicanálise desde seu início percorreu o mesmo caminho que a arte tomou, e assim, escreve Lacan (1965/2003):

> [...] a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição é de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho. (p. 200)

Neste sentido, podemos perceber a partir da consideração de Lacan (1965/2003), que os processos criativos representados pelas variadas formas de arte e produções culturais, abrem o caminho para todas as possibilidades de realizações humanas, das mais singelas às mais sofisticadas, e inclusive, ao próprio progresso científico, vez que as ciências são produções culturais de um determinado momento histórico e estão na dependência de sua ante sala psíquica, ou seja, o desenrolar de processos criativos. Não há possibilidade de existir ciências (sejam

elas quais forem) sem criatividade. Nesta perspectiva, é inevitável considerarmos que a criatividade é mãe de todas as ações humanas.

Tomando como exemplo o caminho de Freud (1917-1920/2010) em "O Inquietante", o presente artigo pretende se aventurar em um tópico abrangente da experiência humana: O Lúdico. Isto posto, a obra de Saint-Exupéry será esse desbravador da densa floresta da subjetividade e criatividade humana, e seguiremos os passos do pequeno príncipe, observando o quão é impactante e importante a presença e manutenção da ludicidade na vida adulta, além de possibilitar um melhor aclaramento do quão impreterível é um psiquismo estruturado para dar conta da sustentação de angústia.

A escolha desta obra em específico surge de um apreço pessoal e por seu reconhecimento mundial. O Pequeno Príncipe é uma das obras mais brilhantes da literatura infantil, apresentando ao leitor (adulto ou criança) a comparação entre o saber criativo/espontâneo e o suposto saber maduro, todavia a obra é especialmente eficaz em produzir no leitor crescido não apenas o reconhecimento da diferença, mas o constrangimento ao se deparar com o pueril, sincero e curioso saber de uma criança. Tomemos como exemplo das primeiras páginas do livro: Após a queda de seu avião, o narrador, que ao longo deste artigo chamarei de aviador, depara-se com um "(...) homenzinho extraordinário" (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 12) que lhe solicita com insistência que fosse desenhado um carneiro para si. Assim, o aviador desenha o animal requerido algumas vezes sem satisfazer o pequenino até que, após tanto tentar, o aviador desiste e desenha apenas uma caixa, dizendo para a criança que o animal estaria dentro dela, entretanto, para surpresa dele, o pequeno aceita com alegria o desenho e passa a tratá-lo como um animal vivo, desenhado - ou criado - apenas para o mundo dele.

Percebe-se, pelo recorte relatado, que o Pequeno Príncipe apreende o mundo de maneira diferente, ou melhor, de maneira criativa, e, no tocante a isso, Winnicott ressalta que "As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia." (Winnicott, 1964/1982, p. 163). Por sua vez, a subjetividade estruturada do infante é fortemente vinculada à sua capacidade lúdica, é o modus operandi do escoamento das pulsões reprimidas pela realidade. Freud ressalta essa função do brincar em seu texto "Além do Princípio do Prazer" (1917-1920/2010) no qual ele relata uma criança que, descontente com a ausência da mãe em seu horário de trabalho, reage elaborando uma brincadeira na qual ela lança seu brinquedo amarrado em uma corda para longe de si e, após, puxa-o. No caso descrito pelo psicanalista, a brincadeira representa a tomada de controle e a expressão da agressividade (o jogar e puxar) por parte da criança na partida da mãe (o brinquedo), elaboração da angústia e tristeza resultantes da não presença da mãe, e elaboração do instinto de vingança (ódio/agressividade), dominação e controle.

Todavia, o que é mais importante no fragmento do Pequeno Príncipe é o reconhecimento do leitor adulto de que, apesar de se identificar com aviador, outrora ele já agiu, sentiu e pensou como o nosso personagem principal, afinal todos já foram crianças. Há, portanto, na leitura de um texto infantil, a invocação da criança inconsciente ainda existente em nós, e deste estado anterior de coisas.

Retomando então a questão apresentada: a pós-modernidade, com todas as suas evidências de empobrecimento simbólico na atualidade, produz um ambiente infrutífero para a estruturação e manutenção da criatividade dos sujeitos? Se sim, há possibilidade de escape, ou então de amenização, dessa realidade avassaladora? Para o aclaramento e averiguação destas hipóteses, tornaremos aos autores clássicos já citados para entender com mais propriedade o desenvolvimento da subjetividade e do psiquismo sob a perspectiva da psicanálise.

A ROSA, OBJETOS TRANSICIONAIS, OBJETO *A* E O SURGIMENTO DA CRIATIVIDADE

> - Quem és tu? - perguntou o principezinho.
> - Quem és tu... quem és tu... quem és tu... - respondeu o eco.
> (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 63)

Ademais, como ressaltado anteriormente neste artigo, para averiguar se há predisposição suficientemente boa para o surgimento de uma subjetividade criativa é necessário compreender as bases que produzem tal surgimento. Freud em sua obra "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" (1901-1905/2016) nos convida, pela descoberta psicanalítica, a olhar para os períodos primordiais do desenvolvimento do sujeito - a infância - para encontrar nesta a pedra angular das neuroses. Assim, o trauma infantil toma na psicanálise freudiana um ponto central do nó neurótico, tendo a sua importância, para Freud, ressaltada no culminar do Complexo de Édipo.

Por sua vez, Winnicott (1988/1990) ressalta através de toda sua teoria, a vital importância da tenra infância no desenvolvimento do sujeito, explicitando o caráter gradual da maturação e fugindo de uma concepção pautada em etapas estanques (Winnicott, 1988/1990). Nas palavras do psicanalista: "Qualquer estágio do desenvolvimento é alcançado e perdido, alcançado e perdido de novo, e mais uma vez: a superação dos estágios do desenvolvimento só se transforma em fato muito gradualmente, [...]" (Winnicott, 1988/1990, p. 55).

Assim, é proveitoso que nos alonguemos na concepção winnicottiana de desenvolvimento da subjetividade infantil, à vista que ela atravessa o núcleo principal de nossa pesquisa: a criatividade. A priori, é basal ressaltar que as etapas caracterizadas pelo autor não são relativas apenas ao bebê ou à criança, mas sim denotam o caráter psíquico relacional entre a mãe e o bebê (Castilho, 2012). De acordo com Castilho (2012) visitando a obra de Winnicott, a primeira dessas etapas é demarcada pela *dependência absoluta*, na qual os dois que se envolvem nessa

relação mãe-bebê dependem integralmente um do outro para a satisfação de suas carências, sem haver a capacidade de delimitar isoladamente um indivíduo do outro.

Por conseguinte, Castilho (2012) prossegue relembrando-nos da seguinte etapa, evidenciando que o único caminho a se seguir para além dessa relação simbiótica é a obtenção de um certo grau de independência de ambos os lados dessa relação. A esse estágio de desenvolvimento adquirido, Winnicott (1964/1982) o nomeia de *independência relativa*, isto pois, a mãe e o bebê permanecem necessitando um do outro para a satisfação, porém a mãe torna a investir parte de sua libido ao mundo social como o trabalho, o lazer, os círculos sociais, etc., enquanto o bebê começa a desenvolver a capacidade de diferenciar (ainda que não plenamente) seu ego do ambiente externo. Aqui nesse estágio, a criança que se frustra à vista da fuga gradativa de seu objeto de amor (a mãe), acaba por ter a fruição desses descontentamentos por duas vias distintas, chamadas por Winnicott (1964/1982) de *destruição* e *fenômenos transicionais*.

O segundo destino da frustração, isto é, os fenômenos transicionais, são os que nos interessam. Esse destino da decepção é marcado excepcionalmente por uma modalidade de objeto essencial para o estudo da criatividade: o *objeto transicional*. Winnicott (1971/2009, p. 14) demarca os fenômenos e objetos transicionais como "a área intermediária de experiência entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção daquilo que já foi introjetado [...]" outrossim, essa área intermediária, para o autor, tende a se expandir, englobando outros objetos e fenômenos. Assim, esses objetos transicionais fariam um meio de campo basal *rumo à independência* e alteridade do sujeito perante o ambiente.

Ora, por que, para Winnicott, esses objetos transicionais são fundantes do fazer criativo? Castilho (2012) elucida que:

> A ligação e o afastamento do objeto transicional deixam em cada sujeito uma marca: fica na mente do indivíduo um espaço que, assim como o objeto transicional, é intermediário entre o interno e o externo. É nesse espaço que se produzem muitas das atividades criativas do homem, como as artes, a música, etc. que "representam" o mundo interno para o exterior e, em certo sentido, "representam" a realidade para si mesmo. (p. 131)

Pois bem, retornando para O Pequeno Príncipe, consegue-se perceber melhor essa relação com os objetos transicionais, mais especificamente, a personagem Rosa. A narrativa nos mostra que o pequenino investe uma quantidade considerável de libido no pequeno broto que surgirá em seu planeta, "O pequeno príncipe, que assistia ao surgimento de um enorme botão, pressentiu que dali sairia uma aparição miraculosa, [...]" (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 31).

Ao germinar, a Rosa abala as estruturas do principezinho, ele que reinava plenamente em seu pequeno asteroide, semelhante à "Sua Majestade o Bebê" (Freud, 1914/2010, p. 37), encontrou-se intrigado, satisfeito pela beleza dela, porém, infeliz com a personalidade da Rosa. Descontentamento que surge pela saída de um estado de *dependência absoluta* e de suma importância para o desenvolvimento do personagem do príncipe, tendo em vista que é a partir do conflito com a Rosa que ele começa sua jornada investigativa pelo cosmos e que será tratada no próximo segmento deste texto.

Assim sendo, por ora, suspendem-se as imensas contribuições do psicanalista britânico com o fim de abordar um segundo psicanalista de semelhante calibre: Jacques Lacan. A aproximação dos dois autores é muito mais apropriada do que aparenta numa primeira vista, ao passo que é o próprio Lacan que traduz o texto "Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais" para o francês À vista disso, para a continuidade da investigação proposta neste artigo, as concepções lacanianas do desenvolvimento do sujeito serão essenciais.

Partindo do ponto em que encerramos o desenvolvimento winnicottiano, isto é, a *independência relativa*, podemos iniciar as considerações lacanianas. A priori, é fundamental ressaltar que, assim como Freud e Winnicott, o psicanalista francês considera a relação mãe-bebê uma dinâmica dialética, de interação, contudo, ele insere um terceiro elemento nesse jogo: o vazio (Castilho, 2012). Cabe, por sua vez, explorarmos esse componente introduzido.

Lacan, no Seminário 10 (1962-1963/2005), buscando compreender o estatuto da angústia, elabora profundamente o chamado *objeto a* que, para o autor, é tido como *objeto causa de desejo*, ou seja, é o objeto que antecede o desejo, que o produz, que está por trás dos outros objetos, da boca, do ânus, do seio, do outro. Esse objeto surge na ótica lacaniana calcado no objeto perdido - *das Ding* - e no objeto transicional winnicottiano (Castilho, 2012). Outrossim, tido como causa de desejo, Lacan (1962-1963/2005) também o posiciona como falta:

> Chegamos assim ao terceiro ponto, que se refere às possibilidades estruturais da manifestação do objeto a como falta. É para fazer com que ele seja concebido que o esquema do espelho já é presentificado diante de vocês há algum tempo. (p. 121)

Semelhante à ótica winnicottiana, portanto, para Lacan (Lacan, 1949/1998), quando nos referimos aos estágios, ou melhor, estádios de desenvolvimento, implica-se em fenômenos graduais, incompletos e faltosos. À vista disso, o ponto de partida da inserção do sujeito, ou do protótipo desse na subjetividade, é marcado pelo estádio do espelho que, segundo os apontamentos do psicanalista (Lacan, 1949/1998), evidencia a insuficiência do infante e a necessidade da inserção desse em um condensado ideativo e representativo que possa dar sentido e significado

à suas experiências. Isto é, o estádio do espelho delimita, através da intermediação do Outro, o registro imaginário do bebê, possibilitando-o diferenciar o si e o outro.

Logo em sequência, ao fim do estádio do espelho, a criança se vê no primeiro momento do Édipo, na qual essa se identifica com o desejo da mãe, isto é, o desejo do Outro. Entretanto, ao passo que isso ocorre, um terceiro agente entra neste jogo, a figura simbólica paterna, que passa a delimitar e interditar o acesso à mãe, ao longo do processo de castração, e a criança passa a introjetar as ordenanças da lei paterna, fundando a possibilidade de repressão pulsional e, por conseguinte, o registro simbólico. (Campos & Sakiyama, 2016).

Nota-se, à vista do descrito acima, que ambos os processos de inserção da criança nos registros que circundam o real são, por natureza, alienantes, esse é um ponto central dos dois estádios. A alienação do sujeito é essencial na fundação do sujeito lacaniano, a linguagem que é entregue para esse é anterior a ele, é imposta ao sujeito, da mesma forma, as regras que ele introjeta através do Complexo de Édipo são igualmente impostas, assim, o sujeito nasce em um mundo que o precede (Campos & Sakiyama, 2016).

Tendo isso em mente, podemos agora localizar o *objeto a* no desenvolvimento como o revelador da estrutura faltante em cada uma das etapas, assim, os objetos que caracterizam cada estágio do desenvolvimento, isto é, o objeto oral (boca e seio), anal (as fezes) e fálico (o falo), circundam o objeto a (Castilho, 2012), do mesmo modo como o representam de forma mais pregnante a pulsão escópica (função do olhar) e a pulsão invocante (objeto-voz e, mais tarde, outras sonoridades e musicalidades), e no caso da pulsão invocante está se caracteriza como a experiência mais próxima do inconsciente, tocando diretamente no núcleo central do real (Tavares, 2020). Todavia, tem-se que o *objeto a* é sempre contornado, mas nunca alcançado - evidentemente devido ao seu caráter de objeto perdido (Lacan, 1949/1998), assim, o *objeto a* produz o terreno fértil para caça do desejo, pois é ele que, pela incompletude do ser, move o sujeito a buscar mais (objeto a como causa do desejo).

Agora, tornamos mais uma vez ao Pequeno Príncipe para perceber os aspectos destacados da teoria lacaniana. A Rosa, ao germinar, passa a ditar o curso do dia-a-dia do pequeno príncipe, ela exige que a regue, proteja-a, cubra-a do vento, coloque uma redoma de vidro sobre ela à noite. Enfim, as demandas da Rosa se sobressaem, ao ponto que o pequenino se aliena de seu desejo perante ela, ele mesmo afirma ao aviador: "Não devia tê-la escutado - confessou-me um dia -, não se deve escutar as flores. Basta admirá-las, sentir seu aroma. A minha perfumava todo o planeta, mas eu não sabia como desfrutá-la." (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 33).

Outrossim, apesar de abandonar a Rosa ele não escapa do desejo que ela causa, do contrário, busca-o, vai à procura de algo que ele mesmo não sabe o que é, a busca de completude, completude essa demarcada pela época em que a Rosa era somente um botão, pelo estágio de dependência absoluta no qual a flor trazia

apenas satisfações para o principezinho. Entretanto, como sabemos, esse estado de coisas não retorna - e nunca existe, a Rosa faz então o papel, para o príncipe, desse objeto perdido (*objeto a*), o ponto central no jogo de desejo da obra de Exupéry.

No fim, assim como toda criança que passa pelos processos descritos acima, o principezinho abandona o seu pequeno planeta, isto é, sua onipotência infantil, aproveitando-se de uma migração de pássaros para fugir, ele começa a sua jornada *rumo à independência*, a convivência com outros que são externos ao ambiente familiar.

Em suma, retomando brevemente os conceitos ressaltados para o surgimento do sujeito e de sua criatividade, é necessário que, em primeiro momento, o ambiente e a criança sejam indissociáveis, o recém-nascido precisa vivenciar a onipotência infantil. Todavia, com o tempo, Lacan e Winnicott ressaltam que essa criança precisa vivenciar um aumento gradual de falta/incompletude em seu desenvolvimento, sendo necessário que se alcance o estágio de independência relativa para que surjam os objetos transicionais, peças-chave da capacidade criativa do adulto; coincidentemente, é impreterível que o sujeito seja inserido, através dos processos alienantes, nos registros imaginário e simbólico para que consiga usufruir dessa criatividade.

AS PESSOAS GRANDES E A PÓS-MODERNIDADE

> - Os homens - disse o pequeno príncipe - embarcam nos trens, mas já não sabem mais o que procuram. Então eles se agitam, sem saber para onde ir.
> E acrescentou:
> - E isso não leva a nada...
> (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 80)

O sul-coreano Byung-Chul Han, filósofo, ensaísta e professor da Universidade de Berlim, renomado por sua obra "A Sociedade do Cansaço" publicada originalmente em 2010, é um afinco estudioso e pensador da pós-modernidade. Outrossim, sua aproximação com o saber psicanalítico é evidente, a utilização de conceitos psicanalíticos é recorrente por suas obras. Portanto, o filósofo se mostra como uma frutífera ponte entre os estudos do estado moderno de coisas e o impacto dessas no sujeito através de uma ótica psicanalítica.

Para Han (2019), a sociedade atual não pode mais ser descrita pela conceituação de Foucault da chamada *sociedade disciplinar* - na qual a máxima é a proibição das vontades - mas sim, pela *sociedade do desempenho* no qual o imperativo social é "produza!", "faça!", "consuma!", em suma, "goze!". Esse imperativo - falsamente libertador - impele os sujeitos não para uma fruição dos desejos, uma libertação das amarras Superegóicas, mas sim um desapego com o caráter negativo do Supereu, isto é, a obediência, e uma identificação com seu caráter positivado: o *eu-*

ideal. Ademais, para Han, essa troca de modalidade imperativa é causada pelo o frenesi neoliberal, a necessidade constante de aumento na produção, "[...] pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento." (Han, 2019, p. 25). Porém, o sujeito do desempenho, diferentemente do sujeito da disciplina, não produz a partir da necessidade de seguir o regimento instituído, ele produz porque lhe é prometido que, caso ele tenha o desempenho ideal, ele terá felicidade - mesmo que a tenha de comprar.

Por sua vez, em sua obra "A crise da narração", Han (2023) afirma que sociedade atual é caracterizada por um estado de *pós-narrativa*, ou seja, a pós-modernidade é completamente pautada na primazia das informações, do acesso ao conhecimento. Paramos de nos relacionar com o mundo através das narrativas e passamos a compreendê-lo. A compreensão do mundo através das informações causa, paradoxalmente, um distanciamento desse, pois, são as narrações que transformam o *ser-no-mundo* em um *estar-em-casa* (Han, 2023). Esse processo de representação íntima e subjetiva da realidade, nomeado por Han de *estar-em-casa*, relaciona-se, na psicanálise, aos fenômenos transicionais winnicottianos, dado que, para que o sujeito entre em contato com o mundo externo de maneira objetiva, previamente é preciso que ele se relacione através de objetos transicionais que mediam o contato do mundo material com o mundo simbólico. Possivelmente, então, poderíamos pensar em narrativas tendo - também - a função de um fenômeno transicional.

O jornal é um bom exemplo do declínio da narração. Para o autor (Han, 2023) a notícia apresenta uma estrutura de tempo e espaço completamente distinta da informação, aquela vem de longe, a distância a caracteriza, sabemos dela após seus acontecimentos e não conseguimos administrá-las como informações passíveis de previsibilidade ou controle. O naufrágio do Titanic, o suicídio de Getúlio Vargas, a Revolução Francesa são, acima de tudo, narrativas a serem contadas.

Porém, na era da *pós-narrativa*, a notícia dá lugar à informação, substituindo-a. "O desmantelamento sucessivo da distância é uma característica da modernidade." (Han, 2023, p. 18). Assim, produz-se uma ausência de afastamento com o objeto, ausência essa que não é similar à distância, pois, a distância está inscrita na proximidade, elas são categorias dialéticas enquanto a ausência de afastamento denota - tal qual a informação - uma supressão da falta, uma mutilação do vazio. Outrossim, é esse relacionamento entre próximo e distante que produz a *aura*, de acordo com Han que cita Benjamin[1]: "o rastro é a aparição de uma proximidade, por mais longínquo que esteja aquilo que o deixou. A aura é a aparição de algo longínquo, por mais próximo que esteja aquilo que a evoca." (Benjamin, 2009, p. 490 citado por Han, 2023, p. 19).

Portanto, a contemporaneidade anda a produzir um esvaziamento da aura, um empobrecimento de um *para-além* do objeto, precisamente, uma decadência da subjetividade. Congruente a isso, Costa e Justo (2015) argumentam que a pós-

modernidade, fundamentada no hedonismo e narcisismo cultural, produz uma concorrência entre a Lei do desejo e, o que Lacan chama de o discurso do Capitalista - sendo esse, diferente da Lei, aliado à alienação ao discurso do Outro. Esse discurso do Capitalista não faz laço social, do contrário, "[...] fomenta a suposta obtenção do prazer sem fronteiras. Desta forma, a experiência subjetiva só pode incorrer num gozo que de tanto gozar, por efeito, é angustioso." (Costa & Justo, 2015, 45).

Portanto, para Costa e Justo (2015), a pós-modernidade, fundamentalmente posta a partir do *capitalismo tardio* - caracterizado pela fundição dos conceitos marxianos de *superestrutura* e *infraestrutura*, comumente reduzidos respectivamente à cultura e economia, produz transformações na subjetividade e uma transfiguração do sujeito em mercadoria. Complementando as reflexões encontradas na obra de Han, além do subsídio de Costa e Justo (2015), Birman (1999) destaca que o sujeito moderno é regulado pela performance do agir, ele atua o viver, a sedução do olhar do outro é impreterível, tanto para o consumo quanto para o enaltecimento do Eu. A imagem se torna, portanto, crucial para o sujeito da atualidade, assim, para além do imperativo "goze!", outro dever emerge, o de "compartilhar que gozo!".

Alguns personagens na obra de Exupéry apresentam ao leitor facetas do que foi descrito nesta seção do artigo. O primeiro seria o rei, seu encontro com o *petit prince* decorre da seguinte forma: ao chegar em um novo planeta, o pequeno príncipe se depara com um rei, vestido de púrpura e arminho, sentado em um majestoso trono. Após uma ligeira conversa, o principezinho questiona o rei: "Majestade... sobre quem reinas?" (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 39), imediatamente o rei anuncia que ele reina sobre todas as coisas, e impressionado, o pequenino pede para que o rei ordenasse que o sol se pusesse, pois ama pores do sol; contudo, para o desencantamento do principezinho, o rei o diz que fará isso somente por volta de sete e quarenta ainda naquela noite. Desinteressado ao perceber que o dito rei na verdade apenas performava sua majestade, que não possuía controle de nada, o pequeno príncipe se prepara para partir, contudo, o rei, não querendo que o príncipe fosse, suplica que ele fique o prometendo um ministério em seu reinado. Entretanto, o pequenino continuou se preparando para partir e, percebendo que ele não iria repensar e sem escolha, o rei o nomeia de Embaixador, pois, mesmo se ele partisse, o príncipe continuaria sobre as "ordens" do rei. Por fim então, o pequeno príncipe parte pensando: "As pessoas grandes são muito esquisitas." (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 41).

Outra dessas personalidades seria o homem vaidoso, encontrado em outro planeta visitado pelo pequenino, esse vive pelos elogios e aplausos. Após alguns minutos de elogios, o pequeno príncipe questiona o que seria "admirar", e o homem vaidoso o responde dizendo: "Admirar" significa reconhecer que eu sou o homem mais belo, mais bem-vestido, mais rico e mais inteligente de todo o planeta" (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 44). Novamente o pequenino se espanta com o descompasso dos adultos, havia apenas ele naquele pequeno mundinho, com

quem que ele se comparava para dizer que era superior em algo? Assim, questionando-se para o que aquilo tudo servia, mais uma vez o principezinho vai embora pensando: "As pessoas grandes são de fato muito estranhas." (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 44).

Ora, percebe-se que os dois, tanto o rei quanto o vaidoso, estão aprisionados em sua própria performance, e a contradição moderna se apresenta nesses dois trechos da mesma forma, ambos os personagens necessitam que olhar do outro os reconheça e - acima de tudo - os deseje, para que eles possam se sentir completos, apesar de serem definidos por suas qualidades soberanas: a majestade e a beleza. Contudo, aqui, o olhar é permeado não por uma produção do laço social, mas sim pelo consumo (da imagem).

Han (2023) afirma que os smartphones removem o olhar que o outro apresenta, substituindo-o por um objeto de consumo, um deleite aos olhos e não um olhar. Assim, na pós-modernidade, não nos encontramos mais lastrados em um laço social, mas sim em um *escambo social*, no qual a troca de nossa exposição, os *likes* em nossos perfis nas redes sociais, são o pagamento e nós, ou melhor, nossa imagem, somos o produto. Para o filósofo, "O *rosto exige distância*. Ele é um *Tu*, e não um *Isso* disponível." (Han, 2023, p. 96), essa exigência revela o caráter aurático também do rosto, caráter perdido pela ascensão dos smartphones - e pela pós-modernidade - que nos permite tocar, aproximar, colocar o dedo e até mesmo apagar a imagem.

Han (2023) aproxima-se de Lacan, ao invocá-lo para sustentar a visão de que a imagem possui, ainda, um *olhar* que atravessa o sujeito que olha, agarrando-o, encantando-o, contudo, esse olhar é dependente da *distância*. Assim, para o filósofo há no advento tecnológico dos smartphones o desaparecimento do olhar. O autor prossegue afirmando que a dissolução do olhar está justaposta ao narcisismo cultural que elimina o olhar, isto é, o outro, em favor do espelho, da imagem imaginária do espelho, "O digital submete a tríade lacaniana do real, do imaginário e do simbólico a uma reconstrução radical. Ele desconstrói o Real e, em favor do imaginário, faz desaparecer o simbólico que incorporava os valores e as normas da comunidade." (Han, 2023, p. 98).

Aqui atingimos o ponto de inflexão desta secção da pesquisa. Localizamos alguns dos inúmeros aspectos da pós-modernidade que afetam o âmago do desenvolvimento do sujeito e, por extensão, da criatividade. Retomando a concepção lacaniana de desenvolvimento apresentada anteriormente, a boa estruturação dos registros é vital para a formação do psiquismo, sua má-formação testifica uma problemática incompletude dos processos de alienação gerados pelo Complexo de Castração. Assim, se a contemporaneidade, através de sua mercantilização das relações, da perda aurática das narrações e do olhar, da ascensão do narcisismo cultural, desconstrói o registro simbólico e privilegia o registro imaginário, a criatividade é invariavelmente prejudicada.

Por sua vez, o caráter narcísico da pós-modernidade acaba desorganizando o desenvolvimento *rumo à independência*, tendo em vista que é – precisamente – o descolamento da mãe e a compreensão diferencial de si e do outro possibilita ao sujeito a englobar cada vez mais fenômenos transicionais. Assim, percebe-se que a pós-modernidade, em sua configuração atual, prejudica de forma global o desenvolvimento da personalidade e da criatividade, os registros simbólico e real são atrofiados em favor do imaginário, os indivíduos não alcançam um estágio *rumo à independência* graças ao subsídio da digitalização, da perda aurática e do espetáculo. Sobra perguntarmos, chegamos em um ponto de não retorno? Há, ainda, alguma forma de buscarmos um caminho mais criativo?

O CATIVAR, A RAPOSA E O LAÇO SOCIAL

> - A gente só conhece bem as coisas que cativou - disse a raposa.
> - Os homens não tem mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas, como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!
> (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 69)

A pós-modernidade traz um amargor a qualquer um que se proponha a estudá-la, ou melhor, a todo aquele que a vive. Produz desalento e um desamparo extremo, um sentimento de profunda solidão. No capítulo XVIII (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 63), nosso guia - o pequeno príncipe - sentiu solitude similar ao sujeito contemporâneo: no topo de uma grande montanha o pequenino perguntou "Quem és tu?" e apenas ouviu o eco retornando sua pergunta, após isso, pediu ao eco "Sejam meus amigos, eu estou só...", recebendo somente um "Estou só... estou só... estou só...". Assim nos encontramos na pós-modernidade: sós.

Ora, se a solidão, o individualismo exacerbado pelo narcisismo cultural, pelas redes sociais, pelo espetáculo, pelo discurso do capitalista são as pedras fundamentais do adoecimento subjetivo moderno, qual nossa rota de fuga? Nesta toada, Tavares (2020), reforçando nossa tese, compreende que o cerne dos desalentos contemporâneos se dá pelo cenário de dessubjetivação e empobrecimento simbólico e que tal panorama acarreta em um desenlace das condições de sociabilização. Então, o caminho, quiçá, encontra-se no ente adoecido, o mal-estar afeta, precisamente, o laço social.

À vista disso, retomando a pontuação lacaniana utilizada anteriormente (Lacan, 1965/2003), não há o que descobrir ou desvendar, pois tudo aqui descrito estava à céu aberto, evidenciado pelas artes, neste caso, pelo pequenino que nos guiou até aqui. O amparo frente à solidão está presente na sequência de dois encontros que o pequeno príncipe vive, o primeiro: o passeio pelo jardim de rosas; o segundo: a amizade com a raposa.

Chegando a um jardim com inúmeras rosas, espantado por sempre ter pensado que sua rosa era única, se pôs a refletir (Saint-Exupéry, 1943/2015):

> Eu me julgava rico por ter uma flor única, e possuo apenas uma rosa comum. Uma rosa e três vulcões que não passam do meu joelho, estando um, talvez, extinto para sempre. Isso não faz de mim um príncipe muito poderoso...
> E, deitado na relva, ele chorou. (p. 66)

Percebe-se, com esta citação, o desamparo vivido pelo personagem ao se deparar com a desimportância de sua rosa frente a jardim cheio outras rosas tão belas e perfumadas quanto ela. Nesse momento, o pequeno príncipe compreende o valor de sua rosa - e de seu pequeno asteroide - por uma perspectiva de raridade, sem contabilizar o valor subjetivo do que se avalia.

Por sua vez, logo aparece uma raposa no lugar onde o *petit prince* estava e, após saudá-la, pede-a para brincar com ele, porém o animal responde que não o poderia fazer pois não havia, ainda, sido cativada. Curioso, o pequenino pergunta o que seria cativar, logo a raposa lhe responde "É algo quase sempre esquecido - disse a raposa - Significa 'criar laços'..." (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 68, grifos do autor) e, à frente, prossegue dizendo que os homens não possuem mais tempo para cativar nada, que todas suas necessidades são compradas em lojas e, como não há lojas de amigos, os homens não têm mais amigos.

Cá está o farol frente ao mal-estar moderno: cativar. Cativar e se deixar ser cativado pelo outro através do laço social é tornar possível condições de subjetivação estruturada pelo aspecto vincular entre os seres humanos. Mediante ao contato com o outro, com o diferente, somos capazes de experienciar a alteridade, nos distanciando do narcisismo demarcado na cultura. Somos, também, no decurso do enlace social, capazes de tomar *rumo à independência*, separar-nos da relação simbiótica com a imagem mercantilizada, encontrar novas formas de ser criativo, dar novos destinos às pulsões, florescendo um discurso avesso ao do capitalista.

Outrossim, no tocante ao caráter eminentemente criativo do laço social, Mograbi (2009) aproxima-se desse aspecto a partir de uma correlação entre o fazer artístico - criativo e sublimatório - e a produção de laço, tratado neste texto como cativar - igualmente criativo e sublimatório. Assim, afirma Mograbi (2009):

> Se a fantasia é o que move o sujeito, ir em busca do outro poderia ser comparado, na teoria freudiana, à produção artística, entendida como expressão do desejo inconsciente. Fazer laço que nos une é uma tarefa que exige uma dose de artes de ambas as partes, e talvez, daí decorra a necessidade de apelar para exemplos da literatura e da música ao falarmos sobre este tema. (p.82).

Por sua vez, Mograbi (2009) ressalta que o lançar-se rumo ao cativar é, por excelência, uma aposta, é jogar o jogo do destino e da fantasia alheia, isto pois, depende-se do interesse do outro sobre nós - ou da inexistência desse. Além disso, o laço social, apesar de fundamental, é fluido, breve, efêmero, transitório, depende, do acaso, tanto para seu surgimento como para sua manutenção. Todavia, não o é menos belo, do contrário, como Freud (1914-1916/2010) sustenta, a transitoriedade das coisas é, precisamente, o concessor da beleza dessas, pois, é a raridade no tempo que as promovem na relevância psíquica - tanto para produção do luto quanto para a feliz saudade.

Tomemos a raposa e o pequeno príncipe como exemplo, muito provavelmente, após sua despedida, ambos nunca tornaram a se ver, porém, o cativar produzido não é invalidado pelo fim, pois sobrevive nas memórias. As memórias têm, portanto, um caráter aurático, sendo ela (a memória) a evocadora de algo longínquo (o laço). Por fim, frisemos o aspecto mais relevante desta secção, o retorno ao laço social, na presente perspectiva, mostra-se o caminho melhor equipado para modificar as novas formas de subjetivação, possibilitando que haja o surgimento da criatividade nos sujeitos modernos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando as elaborações apresentadas neste artigo, a criatividade, tão vital para o bom viver do sujeito, essencial para a fruição sublimatória das pulsões e fundamental para a percepção de uma vida digna de ser vivida, é alcançada apenas através do desenvolvimento que possibilite seu surgimento. À vista desse processo propiciador, Winnicott ressalta, em sua teoria, o caráter incompleto do desenvolvimento, assim, o sujeito winnicottiano nunca se encontra independente do meio, mas sim, sempre rumando à independência.

Por sua vez, Lacan, compartilhando com o psicanalista acima a perspectiva da incompletude do desenvolvimento, sempre pautando-o na falta, apresenta-nos os marcos de alienação do sujeito condensados em dois grandes estágios, o Estádio do Espelho, no qual a criança é inscrita no registro imaginário; e a instauração do Nome-do-Pai, que inscreve o infante no registro simbólico a partir da dissolução da trama edipiana. Portanto, no prisma dos dois autores, o laço social - iniciado pelas figuras cuidadoras - é pedra angular do desenvolvimento.

Por conseguinte, a partir das considerações sobre o desenvolvimento subjetivo, torna-se evidente - tendo em vista as explanações apresentadas neste artigo com relação ao caráter desestruturante da pós-modernidade, pautada na dessubjetivação, do empobrecimento simbólico, do desaparecimento aurático e na ascensão do caráter narcísico, hedonista e expositivo da cultura - que as possibilidades de um desenvolvimento que propicie o surgimento da criatividade estão, em muito, adoecidos.

Deste modo, o possível caminho para a reestruturação de um feliz[2] desenvolvimento possivelmente se (re)encontra no ente adoecido pela pós-modernidade: o Laço Social. Assim, o reenlace social é percebido, neste artigo, como meio de tornar à um desenvolvimento feliz, possibilitador de criatividade, tendo em vista que esse é consequência daquele.

Ainda, cabe ressaltar as implicações que as construções propostas nos apresentam. Uma vez que a modernidade favorece e propicia inúmeros processos de empobrecimento simbólico e dessubjetivação, torna-se – ainda mais - necessário, a partir disso, analisar o desenvolvimento moderno da subjetividade de maneira crítica e cautelosa, tomando como provavelmente danosos para o surgimento da criatividade os processos modernos de individualização do sujeito. Além disso, os possíveis avanços da presente pesquisa direcionam-nos a suas limitações, isto é, à vista desta ser fundamentada em revisões bibliográficas e construções teóricas, cabe a investigação dessas propostas e sua constatação por meio de análises empíricas, a partir de caso clínicos, pesquisas qualitativas e outras modalidades de estudos práticos.

Por fim, cabe a nós, sujeitos atravessados pelo desalento pós-moderno, a decisão: escutar os artistas e poetas, voltar nosso olhar ao outro ou manter nosso olhar nas telas de celulares, em nossa suposta liberdade e no espetáculo do escambo social. Cabe, ao fim, o pedido de Exupéry: caso venham a encontrar um menino de cabelos dourados, risonho e alegre, teimando em não responder quando perguntado. "Façam-me então um favor! Não me deixem tão triste: escrevam-me depressa dizendo que ele voltou..." (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 95).

REFERÊNCIAS

Birman, J. (1999). A psicopatologia na pós-modernidade. As alquimias no mal-estar da atualidade. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental, 2*(1), 35–49. https://doi.org/10.1590/1415-47141999001003

Sakiyama, C., & Campos, É. B. V. (2016). Alienação e criatividade na constituição da subjetividade: contrapontos entre Lacan e Winnicott. *Revista de Psicologia da UNESP, 15*(1), 26-39.

Castilho, P. T. (2012). Algumas considerações sobre o objeto na psicanálise de Winnicott e Lacan: do objeto transicional ao objeto pequeno a. *Estudos de Psicanálise*, (37), 127-141.

Costa, M. F., & Justo, J. S. (2015). Pós-modernidade e modos de subjetivação: proposições da psicanálise do campo de Freud e Lacan. *aSEPHallus, 10*(19), 43-55.

Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo, ensaio de metapsicologia e outros textos (1914/1916)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2016). Obras Completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentada de uma histeria ("O Caso Dora") e outros textos (1901/1905). *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. (Paulo César de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2010). *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). *O Mal-Estar na Civilização*. (Paulo César de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Han, B. C. (2019). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.

Han, B. C. (2023). *A crise da narração*. Petrópolis: Vozes.

Lacan, J. (1998). Escritos. (1949) *Estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2003). Outros Escritos. (1965) *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2005). (1962-63) *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Mograbi, D. (2009). *O Laço Social na Teoria Freudiana: Para Além da Nostalgia e da Esperança*. Curitiba: Juruá.

Nietzsche, F. (2008). *A Vontade de Poder*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Saint-Exupéry, A. (2015) *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir.

Tavares, L. A. T. (2020). *Psicanálise e Musicalidades: sublimação, invocações, laço social*. São Paulo: Ed. Unifesp.

Winnicott, D. W. (1971/2009). *O brincar e a realidad*e. São Paulo: Ubu Editora.

Winnicott, D. W. (1988/1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Editora Imago.

Winnicott, D. W. (1964/1982). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

CONFLITOS DE INTERESSES

Não há conflitos de interesses.

SOBRE OS AUTORES

Ítalo Bitencourt Ciccotti, e-mail: psi.italobitencourt@gmail.com. Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina.
https://orcid.org/0009-0005-2890-1622

Leandro Anselmo Todesqui Tavares, e-mail: leandro.todesqui@uel.br. Psicólogo/Psicanalista. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia e Psicanálise/UEL. Docente do PPGPSI/UEL.
https://orcid.org/0009-0009-2198-513X

[1]BENJAMIN, W. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
[2]O adjetivo feliz se encontra, aqui, como sinônimo de oportuno, propício, favorável. Optou-se por feliz, precisamente, pelo jogo de ambiguidade do termo, à vista que o duplo-sentido é basilar à psicanálise.